

## **Emanuel: o Deus que os pobres buscam**

*O que os próprios pobres têm a dizer sobre o que os  
atrai a Cristo e ao evangelho?*

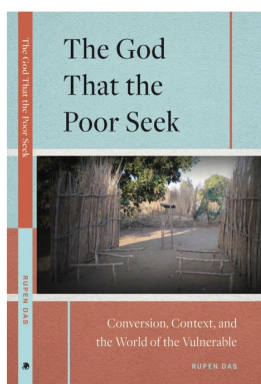
---

Rupen Das

Este artigo não reflete, necessariamente, a posição do Centro de Reflexão Missiológica Martureo. Representa uma parte do pensamento evangélico brasileiro e/ou mundial em relação a diferentes aspectos da Missão e publicamos aqui com o intuito de contribuir para a nossa reflexão como movimento missionário.

## Introdução nossa

Rupen Das atua com missões e desenvolvimento humanitário cristão há mais de quarenta anos em diversas partes do globo em parceria com organizações como Visão Mundial, The Navigators, Arab Baptist Theological Seminary e diversas ONGs locais. É professor de Pesquisa na Tyndale University College and Seminary em Toronto (Canada) e presidente da Sociedade Bíblica Canadense. Ele escreve sobre temas do cristianismo global, missões, pobreza e ministérios da compaixão e, em janeiro deste ano, publicou *The God that the Poor Seek: Conversion, Context and the World of the Vulnerable* [O Deus que os Pobres Buscam: Conversão, Contexto e o Mundo dos Vulneráveis] pela Langham. Não temos a obra em português, mas a seguir o próprio autor produziu para o Martueo um resumo com as principais ideias contidas do livro, que tem como base um trabalho de pesquisa junto a moradores de favela hindus na Índia e refugiados muçulmanos sírios.



• • •

*A missio Dei da qual a igreja participa não é apenas sobre ajudar os pobres, mas seguir a Cristo e descobrir que aqueles a quem se é chamado a servir também têm algo a dar.*<sup>1</sup> – Fr. Daniel Groody, missiólogo

## Origem do livro

Meus escritos sempre tiveram um contexto. Raramente são meras explorações acadêmicas de um tópico interessante. Eles emergem de minhas próprias lutas para entender o mundo em que vivemos e o que significa seguir a Cristo em um mundo assim. Meu último livro *The*

*God that the Poor Seek: Conversion, Context and the World of the Vulnerable* [O Deus que os Pobres Buscam: Conversão, Contexto e o Mundo dos Vulneráveis] é o resultado de uma dessas jornadas.

A questão da pobreza e a preocupação com os pobres fazem parte da minha jornada espiritual pessoal há muito tempo. A questão que me assombrava era se Deus estava realmente preocupado com os pobres, as injustiças que escravizavam os marginalizados e a violência e os conflitos que destruíam vidas e sociedades. Estudo, pesquisa, conversas, experiências de vida e reflexão ao longo de décadas culminaram na publicação de *Compassion and the Mission of God: Revealing the Invisible Kingdom* [Compaixão e a Missão de Deus: Revelando o Reino Invisível] e *Strangers in the Kingdom: Refugees, Migrants and the Stateless* [Estranhos no Reino: Refugiados, Migrantes e Apátridas] (ambos publicados pela Langham). A pergunta que fiz e tentei

responder foi: *por que* Deus se importa com os pobres, marginalizados e deslocados?

A partir de um vislumbre de como Deus se sente em relação aos seres humanos, muitas vezes questionei o que os pobres, as vítimas de tráfico e abuso humano e os refugiados pensam sobre Deus. Muitas vezes me pego reagindo com raiva às injustiças que vejo, percebendo que não é assim que Deus pretendia que este mundo fosse. No entanto, devido à minha posição de privilégio, não pude ver o mundo pelos olhos daqueles que são vítimas do mal. Eu não entendo por que eles se voltaram para um Deus que aparentemente os traiu e ignorou sua miséria e desespero.

Em meu trabalho, muitas vezes ouvia os pobres falarem sobre sua fé. Sua capacidade de sobreviver diante de desafios aparentemente intransponíveis era algo que eu admirava. Pareceu-me que sua resiliência estava enraizada em uma visão de mundo expressa por meio de uma fé e espiritualidade que é muito diferente da mi-

<sup>1</sup> Daniel G. Groody, *Crossing the Divide: Foundations of a Theology of Migration and Refugees - Monograph 15* (Oxford: Crowther Centre Monographs, 2010), 26-27.

nha. Ouvir suas experiências de vida e conhecer a simplicidade de sua fé me levou para além de minhas tradições religiosas seguras e confortáveis para buscar a realidade de Deus através de Jesus Cristo, que é conhecido como Emanuel, em minha vida diária e desafios diários.

As histórias dos pobres, especialmente os de origens não cristãs, abriram uma caixa de Pandora para eu tentar entender como Deus trabalha na vida das pessoas para reconciliá-las e restaurá-las para si mesmo. Não parece haver um modelo e processo padrão que Deus usa. Isso levantou questões sobre o Deus que os pobres buscam e por que eles buscariam Deus. Essas perguntas levaram à gênese do livro.

Embora muito tenha sido escrito sobre pobreza e como responder às suas necessidades físicas e sociais, o que está faltando tanto na literatura sobre a espiritualidade dos pobres quanto na prática missionária é uma compreensão de *como* e *por que* os pobres escolhem adorar a Jesus Cristo. O que os próprios pobres têm a dizer sobre o que os atrai a Cristo e ao evangelho? Um número crescente de missiólogos do mundo majoritário e ocidental está escrevendo sobre como a conversão em diferentes contextos culturais e religiosos pode variar das abordagens padronizadas usadas pelas agências missionárias ocidentais. Pesquisas recentes têm mostrado que os pobres tendem a ser mais religiosos do que os não pobres. No entanto, há pouquíssima pesquisa empírica sobre como os pobres no mundo majoritário encontram Cristo como articulado pelos próprios pobres.

A pesquisa exposta no livro registrou as jornadas espirituais a Cristo de moradores de favelas hindus em Bangalore, Índia (pobreza crônica e geracional), e de refugiados muçulmanos sírios no Líbano (pobreza baseada em eventos). Em seguida, usou a literatura sobre conversão espiritual e contextualização como estrutura para analisar e compreender as histórias. O que emergiu foram experiências de conversão que tinham raízes profundas na história da igreja e

atestadas na amplitude da literatura sobre conversão e contextualização.

Para entender como e por que os pobres escolhem seguir a Cristo, é fundamental saber o que o evangelho, as boas-novas, significa para eles. Eles respondem às boas-novas de Jesus Cristo por razões que são muito diferentes das que muitos evangélicos ocidentais pensam sobre o que é o evangelho. Se isso for entendido, também permitirá que os praticantes de desenvolvimento cristão criem programas de desenvolvimento comunitário holísticos eficazes que não tentem apenas adicionar uma apresentação verbal padronizada do evangelho como parte de suas intervenções de libertação ou desenvolvimento e, em seguida, presumir que o evangelho que eles compartilharam foi entendido.

Enquanto ouvia as histórias, havia certas perguntas que precisavam ser respondidas.

- Uma pessoa pode se tornar um seguidor de Cristo, um cristão, sem entender completamente o pecado e a graça salvadora de Deus oferecida em Cristo?
- Não é errado seguir a Cristo porque ele respondeu orações ou fez um milagre por mim?
- Não deveríamos seguir a Cristo e adorá-lo por quem ele é e não porque ele responde às orações e me provê?
- E se ele parasse de responder às minhas orações – eu ainda o seguiria?
- A boa notícia que Jesus, os apóstolos e a igreja primitiva proclamavam é apenas sobre o perdão dos pecados e a reconciliação com Deus, ou é que o Reino de Deus havia raído com a vinda de Cristo, embora não esteja aqui em toda a sua plenitude?

O que vi emergir entre os pobres foi uma fé crua e sem verniz com ecos do Antigo Testamento e da igreja primitiva, onde a presença de Deus era real e tangível. Por que isso era novo para mim e por que fiquei surpreso? A narrativa bíblica não é uma narrativa de Deus habitando com seu povo na criação – um Deus que,

no início do Novo Testamento, se identificou como *Emanuel*?

A motivação para este livro foi tentar ver Deus e sua obra de redenção através dos olhos de alguns dos pobres. Jürgen Moltmann escreve sobre uma teologia de esperança em que o ponto de partida é o desespero, seja pela perda de fé em qualquer tipo de ideal utópico ou religioso, seja pela ignorância ou falta de vontade de aceitar a promessa escatológica de Cristo. Contudo, o desespero é evidência de um anseio humano por haver algo mais, algo transcendente, que sustente e dê sentido e forma à vida na Terra. Moltmann escreve:

*Assim, o desespero também pressupõe esperança. 'O que não desejamos não pode ser objeto de nossa esperança nem de nosso desespero' (Agostinho). A dor do desespero certamente reside no fato de que existe uma esperança, mas nenhum caminho se abre para sua realização.<sup>2</sup>*

Os pobres que entrevistamos se desesperaram porque as divindades que eles adoravam haviam falhado com eles. O(s) objeto(s) de sua fé e confiança revelaram-se impotentes e indiferentes. O que eles ansiavam era um Deus que ouvisse suas orações e os ajudasse, que estivesse com eles no meio de sua pobreza, um Deus que entendesse seu desespero e lutas. O fracasso de suas divindades em responder e o desconhecimento da promessa escatológica de Cristo os levou ao desespero. Eles finalmente encontraram esperança no Deus revelado em Cristo porque ele era real para eles de maneiras muito tangíveis. Essa esperança e realidade são o que os atraiu a Cristo e os permitiu sobreviver e enfrentar sua pobreza. O evangelho para eles não era uma realidade de outro mundo ou apenas uma expectativa de vida após a morte. Deus em Cristo conhecido como *Emanuel*, presente em meio à sua miséria, era boas-novas para eles.

## Descobertas das entrevistas

A fim de interpretar e avaliar as histórias através das lentes da história e prática missiológica, da história da conversão cristã e da literatura e prática de contextualização, as seguintes questões serão exploradas.

- As histórias são de genuína conversão espiritual a Cristo?
- Como os pobres, que contaram suas histórias, tornaram-se seguidores de Cristo?
- Por que eles escolheram seguir a Cristo?

A chave para entender as respostas dos pobres às perguntas mencionadas é interpretar suas respostas nos contextos de pobreza em que vivem e suas experiências de vida. Eles determinam sua visão de mundo e suas prioridades espirituais e, finalmente, como e por que eles escolheram se tornar seguidores de Cristo.

## Genuinidade das conversões

A questão da genuinidade da conversão é importante porque muda a forma como a igreja local ou a comunidade de seguidores de Cristo se relaciona com o indivíduo. Na igreja primitiva, a genuinidade da conversão, que era atestada pela instrução, observação e batismo, permitia ao convertido participar do culto cristão e do sacramento da comunhão, além de ser introduzido nos mistérios de sua nova fé pelo poder do Espírito Santo. Nos últimos séculos, um ato litúrgico, como batismo ou confirmação, ou uma ação intencional, como recitar a “Oração do Pecador” ou ir adiante em uma reunião evangelística, foram evidências de conversão.

A genuinidade de seu encontro com Cristo foi atestada por sua mudança da fidelidade às divindades que eles adoravam para fidelidade a Cristo e somente a Cristo. Isso foi confirmado por mudanças no comportamento, atitudes e relacionamentos, assim como pela evidência da vida espiritual refletida pelo desejo de ler a Bíblia, ouvir o ensino bíblico, oração e adoração, todos diretamente atribuíveis à sua fé recém-descoberta. Líderes cristãos locais e obreiros

<sup>2</sup> Jürgen Moltmann, *Theology of Hope* (Minneapolis, MN: Fortress Press, 1993) 23

missionários em cada local também usaram os critérios acima para atestar a genuinidade da fé dos novos convertidos. Embora eles não tivessem uma compreensão completa do plano de salvação de Deus, eles sabiam que, por causa de Jesus, Deus era real. Na maioria dos casos, isso foi suficiente para mudar sua fidelidade de suas divindades tradicionais para Cristo. John Stott escreve que o resultado do evangelismo é a conversão, que ele enfatizou como “uma mudança radical no estilo de vida com novos relacionamentos com Cristo, a igreja e o mundo”.<sup>3</sup>

Essa mudança radical no estilo de vida foi evidenciada de várias maneiras. Um refugiado sírio disse:

*Eu mudei como pessoa. Eu vivia com medo. Minha personalidade era terrível. Eu estava cheio de ódio. Talvez eu fosse um assassino. Talvez eu tivesse matado meu irmão ou vizinho. Hoje não consigo pensar em ninguém, nem por um minuto, e dizer que vou matar. Jesus não nos ensina a pensar sobre matar, ele nos ensina a pensar sobre amor.*

Outra refugiada síria contou sua história.

*Minha vida familiar mudou completamente. Meu casamento é muito mais feliz porque temos Jesus nos unindo. Tenho uma paz como nunca experimentei antes. Eu não me preocupo com meu futuro.*

Falando mais sobre sua fé, ela disse:

*Deus se revelou a mim de maneiras que eu não poderia negar que ele era o Messias. Ele me perseguiu consistentemente (...) [para] fazer de Cristo a coisa mais importante na vida. Ler a Bíblia diariamente e aprender mais sobre Cristo e quem ele é.*

Uma moradora de favela na Índia disse:

*Eu sou de uma família hindu, uma família muito religiosa, e adotei todos os costumes hindus. Eu estava enfrentando muitos problemas na família. Meu marido e eu perdemos nossos empregos sem motivo. Estávamos lutando até pelo alimento diário... Comecei a frequentar a reunião de oração daquele dia em diante. Os missionários do COME visitaram nossa casa e pedimos a eles que orassem para conseguirmos emprego. Eles estavam sempre me dizendo para ir à igreja. Um dia eu orei a Jesus e aceitei a Cristo como meu salvador pessoal e orei para conseguir um emprego. Por milagre, Jesus nos deu empregos e mudou nossas vidas e deu paz para nossa família. Agora somos abençoados por ele e vivemos em paz.*

Sua fidelidade espiritual mudou. O Deus que ela adorou não era um ídolo, mas “Deus todo-poderoso, Deus eterno... pacificador”. Como parte de sua mudança de lealdade, ela se afastou de feitiçaria, substâncias viciantes e conflitos na família. Seu testemunho não é apenas sobre conseguir empregos, mas sobre um novo relacionamento com Cristo e uma nova maneira de viver e adorar.

Embora alguns refugiados sírios tenham compartilhado quão difícil a vida continua sendo para eles como refugiados, muitos falaram sobre a alegria, paz e esperança que tiveram em meio à guerra civil e às suas circunstâncias muito difíceis. Embora materialmente pouco tivesse mudado, Deus tem respondido às orações por suas necessidades e lhes provido. Alguns falaram sobre não se preocupar mais com o futuro. Outros compartilharam sobre como suas atitudes mudaram e alguns falaram de como eles saíram da “escuridão” de sua religião tradicional.

Para os moradores de favelas na Índia, sua decisão de mudar sua lealdade e se converter a Cristo resultou em mudanças imediatas de comportamento. Muitos falaram sobre a liber-

<sup>3</sup> John. R. W. Stott, “Conversão como uma Experiência Complexa”, em *Down to Earth: Studies in Christianity and Culture*, eds. R.T. Coote e J.R.W. Stott (Grand Rapids, MI: William.B. Eerdmans Publishing Company, 1980), 23.

tação do vício de mascar tabaco e álcool. Alguns foram curados fisicamente ou viram membros da família serem curados por meio de sua recém-descoberta fé em Cristo. Outros falaram sobre como pararam de praticar feitiçaria como um meio de ter algum controle sobre suas vidas e tentar ter suas necessidades atendidas. Todos eles pararam de adorar ídolos quando encontraram Cristo. As mudanças não foram apenas imediatas, mas também tiveram um impacto de longo prazo. Uma pessoa falou sobre como suas vidas mudadas e vícios quebrados permitiram que eles economizassem dinheiro e pudessem comprar um pequeno pedaço de terra.

Mais evidências da genuinidade de sua conversão foram procuradas, avaliando se sua fé havia sido testada. Um pouco menos da metade (42,8% dos refugiados e 45% dos moradores de favelas) disseram que enfrentaram alguma perseguição mais grave e assédio por causa de sua fidelidade espiritual. Apesar disso, todos os participantes em ambos os locais não conseguiam imaginar voltar à sua divindade tradicional e cultuar como costumavam, porque sua experiência de conversão havia sido profunda.

Esses critérios de conversão estão em nítido contraste com os de um evangélico tradicional que afirma que a conversão acontece quando uma pessoa reconhece Jesus Cristo como redentor e salvador, como aquele que perdoa seus pecados, a salva, e assim ela “nasce de novo”. Sua compreensão é baseada em versículos-chave comumente usados como textos de prova sobre conversão, como Atos 16.30-31, João 3.3, 16-18 e Ap 3.20.<sup>4</sup> Um verso frequentemente usado

é Rm 10.9: “Se você confessar com a sua boca que Jesus é Senhor e crer em seu coração que Deus o ressuscitou dentre os mortos, será salvo”. Assim, um ato de fé em um momento no tempo atestado por uma confissão verbal, bem como o conteúdo de sua crença, são os indicadores de conversão. Esse entendimento pressupõe que a conversão é um evento pontual.

Este estudo não nega a necessidade de um ato de fé e o fato de que há um momento no tempo em que o Espírito de Deus sopra nova vida no indivíduo. Há uma necessidade de distinguir entre regeneração, que é obra de Deus, e conversão, que é a resposta humana. John Stott escreve: “Regeneração é um novo nascimento, um nascimento ‘do alto’ (*anóthen*), um nascimento ‘do Espírito’. É a obra peculiar do Espírito Santo de ele mesmo infundir vida nos mortos. A conversão, por outro lado, é o que fazemos quando nos arrependemos e cremos”.<sup>5</sup> De acordo com Stott, a regeneração é inconsciente, enquanto a conversão é normalmente consciente. A regeneração é uma obra instantânea e completa de Deus, enquanto a conversão (arrependimento, afastamento e fé) é um processo e não um evento.<sup>6</sup>

A realidade da conversão sendo atestada por uma vida mudada e uma fidelidade espiritual transformada enquanto o indivíduo cresce em sua compreensão de quem é Cristo tem profundas raízes históricas na prática da igreja primitiva. Na igreja primitiva, a conversão contemplava quatro etapas durante as quais o catecúmeno aprendia as verdades básicas da fé cristã – especialmente Cristo como Senhor e Redentor. Ao longo do processo, a qualidade de sua vida e espiritualidade eram observadas como evidência de conversão genuína.<sup>7</sup> Supu-

<sup>4</sup> Atos 16.30-31: “Que devo fazer para que seja salvo?” Responderam-lhe: ‘Crê no Senhor Jesus e serás salvo – tu e tua casa”. Jo 3.3, 16-18: “Jesus declarou: ‘Digo-lhe a verdade: Ninguém pode ver o Reino de Deus, se não nascer de novo ... Porque Deus tanto amou o mundo que deu o seu Filho Unigênito, para que todo o que nele crer não pereça, mas tenha a vida eterna. Pois Deus enviou o seu Filho ao mundo, não para condenar o mundo, mas para que este fosse salvo por meio dele. Quem nele crê não é condenado, mas quem não crê já está condenado, por não crer no nome do Filho Unigênito de Deus”. Ap 3.20: “Eis que estou à porta e bato.

Se alguém ouvir a minha voz e abrir a porta, entrarei e cearei com ele, e ele comigo”.

<sup>5</sup> J. Stott, *Christian Mission in the Modern World*, 169-170.

<sup>6</sup> *Ibid*, 171-174.

<sup>7</sup> Versículos-chave que ilustram esse entendimento seriam os ensinamentos do apóstolo Paulo sobre como a graça reconciliadora de Deus resulta em vidas transformadas. 2Co 5.17:

nha-se que a conversão só teria ocorrido se o que os catecúmenos acreditavam resultasse em uma vida mudada.

O que fica evidente nas histórias dos refugiados e moradores de favelas é que as crenças intelectuais e a realidade experimentada de Deus estão integralmente ligadas. As entrevistas mostraram ainda que uma experiência sobrenatural inicial também pode levar uma pessoa à fé em Cristo mesmo antes de um entendimento completo sobre as questões do pecado e da salvação. Essa experiência inicial é então reforçada e confirmada por fatos e crenças. Uma experiência inicial (encontro com Cristo) resultando em vidas transformadas e lealdade espiritual alterada é atestada por David Garrison em sua revisão da missão entre os muçulmanos, bem como pelas pesquisas de Iyadurai entre os hindus e de Hildebrand entre os budistas.<sup>8</sup>

### Como eles se tornaram seguidores de Cristo?

Ao analisar as histórias dos pobres, houve duas observações sobre como eles se tornaram seguidores de Cristo. A primeira é que em todas as histórias a conversão foi um processo pontuado por encontros, experiências e de-

cisões em vários pontos, acompanhados por uma compreensão crescente de quem é Cristo e o que ele fez por eles. A segunda observação é que, em um número significativo de relatos, os pobres tiveram um encontro sobrenatural com Cristo que foi decisivo para eles abandonarem sua fé tradicional e se tornarem seguidores de Cristo.

A realidade e os desafios da pobreza, resultando em crises específicas, pessoais ou familiares, tornaram-nos profundamente conscientes de que sua fé tradicional e os deuses que adoravam não forneciam a ajuda e o apoio que precisavam para sobreviver. Isso então os abriu para a possibilidade de que Deus revelado em Cristo é compassivo e está presente com eles em suas circunstâncias difíceis. Eles experimentaram essa realidade de Cristo por meio do amor e da compaixão dos cristãos em seu tempo de necessidade, por meio da leitura da Bíblia ou de ouvi-la pregada em reuniões de oração ou cultos na igreja, por meio de encontros sobrenaturais (sonhos, visões e milagres) ou por meio de oração respondida. Geralmente alguma combinação dessas experimentações foi essencial no processo pelo qual eles se tornaram seguidores de Cristo. Uma refugiada síria compartilhou:

*Eu vivia na Síria e antes de vir para cá não sabia nada sobre Cristo. Todo mundo guardava sua religião para si mesmo e nunca falamos sobre isso, nunca. Eu vim para a igreja em busca de ajuda. Ouvi dizer que havia uma igreja evangélica dando porções de comida. Eu vim no domingo, na hora da oração, para pegá-la, e o pastor me convidou para ficar e orar. Voltei para ouvir mais. Aprendi algo sobre mim e meu coração e isso me deixou muito feliz. Decidi que oraria, mas não sabia o que orar. Eu não sabia se estava indo na direção certa ou na direção errada, mas escolhi ir na direção certa.*

Embora no início ela não pudesse articular exatamente no que acreditava, ela deu um passo

“Portanto, se alguém está em Cristo, é nova criação. As coisas antigas já passaram; eis que surgiram coisas novas”. Ef 4.22-24: “... quanto à antiga maneira de viver, vocês foram ensinados a despir-se do velho homem, que se corrompe por desejos enganosos, a serem renovados no modo de pensar e a revestir-se do novo homem, criado para ser semelhante a Deus em justiça e em santidade provenientes da verdade”. Cl 1.21-22: “Antes vocês estavam separados de Deus e, em suas mentes, eram inimigos por causa do mau procedimento de vocês. Mas agora ele os reconciliou pelo corpo físico de Cristo, mediante a morte, para apresentá-los diante dele santos, inculpáveis e livres de qualquer acusação”. Rm 12.2: “Não se amoldem ao padrão deste mundo, mas transformem-se pela renovação da sua mente, para que sejam capazes de experimentar e comprovar a boa, agradável e perfeita vontade de Deus”.

<sup>8</sup> David Garrison, *A Wind In The House Of Islam: How God Is Drawing Muslims Around The World To Faith In Jesus Christ* (Monument, CO: WIGTake Resources, 2014), 235. Joshua Iyadurai, *Transformative Religious Experience: A Phenomenological Understanding of Religious Conversion* (Eugene, OR: Pickwick Publications, 2015). Kelly Michael Hilderbrand, “What Led Thai Buddhist Background Believers to Become Christians: A Study of One Church in Bangkok”, *Missiology: An International Review* 44, no. 4 (2016): 400–415.



de fé para seguir a Cristo. Por causa do ensino consistente na igreja ao longo de um ano, ela estava muito mais esclarecida sobre o que ela acreditava quando sua história foi registrada.

*Decidi seguir a Cristo pelo amor, pela paz, pela fraternidade. Era o amor, a ideia de que você deveria amar seu inimigo, que foi muito importante. Não temos esse tipo de amor. Ele é o verdadeiro salvador e eu tenho paz.*

Conectar experiências sobrenaturais e místicas a crenças corretas é importante e muitas vezes requer tempo. Robin Lane Fox escreve que a conversão na igreja primitiva era um processo que podia ter começado com um encontro sobrenatural ou místico com Cristo, mas quase sempre era seguido por ensinamentos.

Embora possa haver inúmeras razões pelas quais eles abandonaram sua fé tradicional, quais foram os gatilhos que facilitaram seu encontro com Cristo? Nas histórias indianas, 20% escolheram seguir a Cristo como resultado de ler a Bíblia ou ouvir as Escrituras sendo ensinadas ou pregadas. Entre as histórias de refugiados sírios, 33,3% se tornaram seguidores de Cristo ouvindo a Bíblia sendo ensinada ou pregada ou lendo a Bíblia sozinhos. Nenhum dentre esses 20% na Índia ou 33,3% no Líbano mencionou experiências sobrenaturais como parte de seu processo de conversão.

Em contraste, 66,6% dos entrevistados no Líbano e 80% em Bangalore encontraram Cristo pela primeira vez sobrenaturalmente: em um sonho, uma visão, cura, oração respondida ou um milagre. Isso despertou-lhes o desejo de descobrir mais sobre Cristo. A maioria escolheu segui-lo quase imediatamente após o encontro. É importante notar que, na maioria desses casos, os indivíduos e suas famílias estiveram em contato com cristãos e podem ter escutado sobre Cristo e ouvido a Palavra de Deus sendo lida, ensinada ou pregada. No entanto, sua experiência sobrenatural foi essencial para fazê-los decidir seguir a Cristo.

Uma pergunta crítica é: o que eles entendiam e sabiam sobre o evangelho e Cristo no momento em que escolheram seguir a Cristo? Isso foi avaliado revendo como eles descreveram o que havia acontecido com eles. Entre os refugiados sírios, não havia uma maneira padrão para descrever o que haviam experimentado. Para a maioria deles, sua fé cristã era muito nova e eles ainda não tinham o vocabulário cristão para articular sua experiência.

O que ficou evidente em ambos os contextos foi que apenas uma pequena parcela dos entrevistados (principalmente na Índia) entendia a questão do pecado, da necessidade de perdão e da aceitação do perdão oferecido por meio de Cristo no momento em que decidiu segui-lo. Embora inicialmente lhes faltasse esse entendimento, suas vidas mudaram e ninguém tinha dúvidas de que haviam abandonado suas divindades tradicionais e agora eram seguidores de Cristo somente. Sua identidade e localização social haviam mudado. No entanto, foi com o tempo que sua compreensão de Cristo como salvador se aprofundou.

Vários teólogos e missiólogos acreditam que a conversão é mais do que apenas um evento pontual – uma decisão que pode ser datada. Orlando Costas escreve que a conversão é um processo, não um evento único. Ele a descreve como “uma jornada no mistério do Reino de Deus que leva de uma experiência a outra”. Embora haja um ponto de partida nessa jornada, a conversão é um processo para toda a vida, “um mergulho em uma aventura escatológica onde se é confrontado com decisões sempre novas, pontos de virada, cumprimentos e promessas que continuarão até o cumprimento final do Reino”.<sup>9</sup> Então, em essência, o que Costas está sugerindo é que a conversão não é apenas o momento da justificação (regeneração), mas abrange todo o processo de salvação, incluín-

<sup>9</sup> Citado em Stott, “Conversion as a Complex Experience”, em *Down to Earth*, 182.

do a santificação, culminando com a glorificação. A Consulta sobre Evangelho e Cultura de 1978 (do Movimento de Lausanne) também afirmou esse entendimento de conversão – não é apenas um evento de crise, mas também um processo, com implicações públicas e sociais. Isso ficou evidente nas histórias, tanto dos refugiados sírios como dos moradores de favelas indianos. A história e a literatura sobre conversão identificam que existem diferentes tipos de experiências de conversão. Contexto, cultura, religião e experiências de vida influenciavam como uma pessoa se torna seguidora de Cristo. A Consulta de 1988 sobre Conversão e Evangelização Mundial do Movimento de Lausanne fez uma diferenciação entre conversões “internas” e “externas”. As experiências de conversão de hindus e muçulmanos que contaram suas histórias para o livro *O Deus que os Pobres Buscam: Conversão, Contexto e o Mundo dos Vulneráveis* seriam categorizadas como conversões “externas” porque eles tinham pouco ou nenhum conhecimento prévio de Cristo ou das verdades cristãs fundamentais.<sup>10</sup> Como ficou evidente na maioria das histórias, para mudar sua fidelidade e se tornar seguidores de Cristo, eles precisavam mudar sua visão de mundo, abandonar os rituais e práticas espirituais de sua fé tradicional e aprender o que significa seguir a Cristo e ser um povo de Deus. Isso exigia mudanças comportamentais, atitudinais e relacionais. É o que Joshua Iyadurai se referiu como uma *experiência religiosa transformadora*, que é divina em sua origem e poder. Tais mudanças exigem tempo e são um processo. A Consulta sobre Evangelho e Cultura de 1978 destacou a natureza radical da conversão usando a linguagem da morte e ressurreição,

que exige uma ruptura com o passado e, então, iniciar um novo começo.

O relatório sobre a Consulta de Lausanne de 1988 prosseguiu afirmando que “o significado fundamental da conversão é uma mudança de fidelidade. Outros deuses e senhores – idolatrias de todo tipo – anteriormente governaram sobre nós. Mas agora Jesus é o Senhor”.<sup>11</sup> O entendimento é que a conversão não é apenas sobre o perdão dos pecados, é uma mudança na fidelidade – das divindades antes adoradas para a adoração a Cristo, o Senhor. Os teólogos Matthew Bates e Scott McKnight argumentam que o verdadeiro clímax do evangelho é a entronização de Jesus, não apenas um relacionamento reconciliado com Deus através do perdão dos pecados possibilitado pelo sacrifício de Cristo.<sup>12</sup> Bates se baseia extensivamente na literatura antiga sobre o significado da palavra *pistis* (fé), e escreve que *pistis* tem um significado muito mais amplo do que “acreditar” (i.e., reconhecer a verdade de algo). A gama de significados inclui fidelidade, compromisso e lealdade prometida.<sup>13</sup> McKnight, no *Prefácio* do livro de Bates, escreve: “O evangelho é a história de liberação de poder, de como Jesus se tornou rei, e a única resposta adequada é fidelidade”.<sup>14</sup> Então, em essência, a conversão não é apenas experimentar o perdão ou mudar sua fidelidade divina, envolve comportamento, atitudes e relacionamentos transformados em resposta ao dom da reconciliação com Deus e da vida de Deus. É um compromisso de viver de uma maneira nova, em obediência a Cristo e à sua Palavra.

A conversão, portanto, não é apenas uma aceitação mental de uma verdade ou uma ora-

<sup>10</sup> Esse é um ponto importante. Muitos hindus e muçulmanos educados teriam frequentado escolas cristãs (originalmente estabelecidas por missionários) ou foram expostos ao mundo mais amplo e ao cristianismo por conta de sua educação. Os pobres teriam oportunidades educacionais limitadas ou frequentariam escolas do governo, que na Síria e na Índia não os teriam exposto ao cristianismo.

<sup>11</sup> Ibid, 94.

<sup>12</sup> Kelly M. Kapic em sua resenha do livro de Bates questiona se há necessidade de uma palavra mais forte do que “fé”, que infelizmente foi reduzida a assentimento cognitivo. Kelly M. Kapic, “Do We Need a Stronger Word for ‘Faith?’”, *Christianity Today*, 2017, acessado em 20 de agosto de 2017, disponível [aqui](#).

<sup>13</sup> Bates, *Salvation by Allegiance Alone*, Kindle Location 2-3.

<sup>14</sup> Ibid, Kindle Location 43.

ção convidando Cristo para a vida de alguém, inclui uma mudança na fidelidade em quem se adora – uma renúncia e afastamento das divindades tradicionais e submissão a Cristo Rei. Essa mudança na fidelidade, das divindades tradicionais ao Deus vivo, é o motivo predominante de conversão no Antigo Testamento. É exatamente o que as histórias dos refugiados sírios e dos moradores de favelas indianos mostram. Em quase todos os relatos de ambos os locais havia evidências claras de uma mudança na fidelidade, das divindades e deuses que adoravam para Cristo. Como mencionado, com a mudança na fidelidade houve mudanças no comportamento e nas atitudes, relacionamentos curados e fome espiritual.

As conversões “externas” são principalmente um processo, e o evangelismo deve considerar o contexto do indivíduo e da comunidade. Suas experiências de vida, desafios, crises e frustrações por serem pobres foram fatores críticos para motivá-los a buscar um Deus que se importa e responde às orações. Conforme discutido anteriormente, John Stott afirma que a compreensão do contexto e a presença nesse contexto são um prelúdio para o evangelismo. Ele escreve: “O verdadeiro evangelismo nunca pode acontecer num vácuo. Ele pressupõe um contexto do qual não deve ser isolado”.<sup>15</sup> Assim, o processo de conversão começa bem antes do momento da justificação por Deus. O início do processo é quando os pobres começam a buscar um Deus que é real e não distante, e Cristo se revela como tal Deus, como foi visto repetidamente na maioria das histórias que foram contadas.

O modelo mais amplamente usado pelos missiólogos para compreender a conversão é o de Paul Hiebert. Ele fornece uma estrutura para entender quando e como a conversão é um evento ou um processo. As experiências de conversão de muçulmanos e hindus registradas aqui

se encaixariam na categoria “conjuntos centrais bem formados” no modelo de Hiebert. À medida que se movem em direção a Cristo, o processo pode incluir encontros sobrenaturais com Cristo, interações com cristãos, adoração, oração, leitura e audição da Bíblia. Em algum lugar ao longo do processo, o buscador cruza uma fronteira e se torna um membro do Reino de Deus – ponto em que a justificação e a regeneração ocorrem. As histórias indicam que não há um ponto predeterminado, no processo ou na sua compreensão de quem é Cristo, de onde e quando esse limite está. Varia entre os testemunhos dos pobres.

A história de um dos refugiados sírios resume muitos dos elementos do processo de conversão. Inclui desilusão com sua fé existente, uma crise por causa de suas circunstâncias, um encontro milagroso com a realidade de Deus em Cristo, explicação sobre a obra de Cristo que os ajudou a entender o que eles experimentaram, mais ensinamentos e, finalmente, aceitação em uma nova comunidade de fé pelo batismo.

*Minha esposa e filhos foram ao centro [local em que a igreja se reunia] por sustento [para obter ajuda alimentar que estava sendo fornecida]. Ficamos felizes com o culto e quebramos quase todas as barreiras islâmicas [contra os cristãos e o cristianismo]. Eu estava, na época, com meu coração farto por causa da minha religião violenta, e estava buscando o cristianismo. Fomos apresentados a um pastor cristão que queria visitar nossa casa. Ele veio e conversou conosco sobre a salvação em Cristo. Lembro-me de uma vez em que perguntei sobre o batismo, mas ele rejeitou a ideia e perguntou por que eu queria isso. Eu disse a ele que estava convencido de que Jesus está vivo! Ele salvou minha filha de um incêndio na casa enquanto ela dormia, as cortinas estavam caindo sobre ela com as chamas. Eu assisti isso acontecer e fiquei impressionado com a*

<sup>15</sup> Stott, “Conversion as a Complex Experience,” 21.

*paz que minha filha tinha e sua fé em Cristo. Ela me disse que orou antes de dormir e que Jesus estava com ela. A segunda coisa que não posso esquecer é que nem um fio de cabelo da minha filha queimou. O pastor então me guiou pelo plano de salvação. Minha esposa e eu, nossos dois filhos e meu irmão fomos salvos. Somos discípulos e depois fomos batizados.*

### Por que eles escolheram seguir a Cristo?

A missiologia entende muito pouco sobre as razões que levam os pobres a seguir a Cristo. Qualquer estudo das narrativas de conversão dos pobres deve partir do contexto em que os pobres vivem, de onde surgem suas questões existenciais. Como acontece com qualquer outro grupo étnico, cultural e socioeconômico, seu contexto influencia sua visão de mundo e espiritualidade, bem como sua percepção e compreensão de quem é Cristo. “A confissão de Jesus Cristo realiza-se em contextos históricos e culturais particulares.”<sup>16</sup>

Compreender os contextos e experiências de vida dos refugiados e moradores de favelas (seu sistema socioemocional) fornecerá perspicácias para explicar por que eles escolheram seguir a Cristo – os contextos de pobreza são os quadros pelos quais eles interpretam a vida e as experiências de vida, por isso buscam por um Deus que entende sua pobreza e desespero. Há fatores específicos que influenciam a decisão de deixar a fé tradicional e seguir a Cristo? Um cientista social assinalou que uma crise pessoal cria um afastamento de sua fé tradicional. Para resolver essa crise, tem de haver algo novo que atraia e satisfaça essa busca.

O contexto dos refugiados sírios era a realidade de seu deslocamento e as consequências disso. Embora não tenham sido destituídos de seus lares na Síria, eles caíram em uma pobreza

devastadora por causa do conflito (pobreza baseada em eventos). Eles agora estavam vivendo em condições deploráveis de moradia, com acesso limitado à água e saneamento, sem cuidados de saúde adequados e com pouca ou nenhuma escolaridade para seus filhos. Eles eram dependentes de doação de alimentos para sobreviver e tinham oportunidades de subsistência limitadas e inseguras, com muitos deles envolvidos na mendicância, trabalho infantil ou prostituição como meio de sobrevivência. Eles haviam perdido a maior parte de seus bens, tinham poucos bens materiais e nenhuma segurança para o futuro. A parte mais difícil é que eles eram desprezados e marginalizados pela maioria da população anfitriã libanesa, com pouquíssimos direitos humanos protegendo-os.

Um elemento importante para entender por que eles se tornaram seguidores de Cristo está em entender o que os desiludiu na sua fé tradicional. Alguns dos refugiados falaram como o conflito perturbou sua compreensão do islã e os levou a questionar suas crenças tradicionais. Alguns interpretaram a guerra na Síria como violência religiosa entre as diferentes seitas do islã. Outros se sentiam sobrecarregados pelo mal e não sabiam o que fazer. Alguns encontraram em Cristo algo que eles perderam em sua fé tradicional e ainda ansiavam – como experimentar paz e amor.

*Eu sempre me senti oprimido pelo mal.*

*Costumávamos ter tanto medo de morrer e enfrentar um Deus julgador.*

*Mas no islã, eu sinto que há racismo – ele [Maomé] veio para certas pessoas.*

*... com o Islã, estava cheio de medo. Sempre ensinou a temer a Alá. Ele era quem nos castiga, nos mata; nossa capacidade de escolha é tomada.*

Todos esses foram fortes impulsionadores, afastando-os de sua fé tradicional para Cristo.

<sup>16</sup> Migliore, *Faith Seeking Understanding: An Introduction to Christian Theology*, 197.

Uma mulher refugiada resumiu sua experiência da seguinte forma:

*Não vivo com medo. Meu Senhor é o salvador. Ele nunca vai me deixar, nem meus filhos. Se mais tarde alguém da minha família vier aqui e vir minha vida, talvez eles mudem. O Senhor muda as pessoas... Nosso coração estava sempre pesado. Agora eu me alegro. Em nossa religião, tudo estava batendo em você. Agora paz e alegria fazem parte de [nossa] fé. Jesus é minha alegria e paz.*

Em meio à nova experiência de pobreza, rejeição pela maioria dos libaneses e no contexto do ódio, violência e brutalidade que testemunharam na Síria, pouco menos da metade dos refugiados entrevistados foram atraídos pelo amor de Cristo. Um quinto dos refugiados que participaram do estudo foram atraídos a Cristo por causa da paz que ele dá em meio a turbulências e incertezas. Como testemunharam a brutalidade das lutas pelo poder e riqueza na Síria, alguns (14%) foram atraídos por um sistema de valores diferente que viram em Cristo e seu sacrifício.

Enquanto a maioria dos refugiados muçulmanos foi atraída por um Deus que é diferente da divindade e religião que eles tradicionalmente seguiam, uma porcentagem menor se tornou seguidora de Cristo porque Cristo é salvador e perdoa seus pecados. A certeza do perdão dos pecados era algo que eles nunca tinham certeza em sua fé tradicional. 14,2% disseram que foram atraídos a Cristo porque “Ele é o único salvador”, porque “Jesus nos amou e foi crucificado e morreu por nossos pecados em nosso favor” e porque “Ele é o único que morreu por nós na cruz. Só ele pode dar a vida eterna”. 28% se referiram a Cristo como sua salvação, salvador, aquele que perdoa seus pecados, sua intercessão e seu redentor.

*Ouvi que Deus nos salvaria e nos perdoaria em Cristo. Chorei e chorei, e senti algo*

*me limpando por dentro. Fui para frente. Quando fui para frente, meu marido me perguntou se eu queria ser membro da igreja e eu disse: “Não sei, mas algo me limpou por dentro”.*

O contexto dos moradores de favelas em Bangalore é de pobreza crônica e, maioria dos casos, também geracional. Sendo pobres, eles se estabeleceram nas favelas urbanas, vivendo em moradias de baixa qualidade em bairros insalubres. A maioria tinha meios de subsistência inseguros e estava envolvida em trabalhos braçais ou como diaristas, muitos abusavam de substâncias psicoativas e tinham vícios. Eles mal ganhavam o suficiente para atender às suas necessidades diárias. A maioria não era qualificada e cerca de metade era analfabeta ou tinha níveis muito baixos de alfabetização. As mulheres eram particularmente vulneráveis à violência doméstica, depressão e suicídio. O estado nutricional das mulheres e crianças era ruim. Os moradores de favelas não têm acesso a serviços básicos – especialmente cuidados médicos adequados. Eles não têm redes de segurança social ou financeira. Todos eles são politicamente marginalizados e sem voz, incapazes de advogar por melhorias nos assentamentos onde vivem. Sendo moradores de favelas, eles são socialmente ostracizados.

Os moradores de favelas hindus deste estudo sentiam-se ostracizados e marginalizados por causa de sua pobreza e por não terem ninguém para ajudá-los a lidar com a situação. Como resultado, muitos deles se voltaram para suas divindades em busca de ajuda. Aqui estão as razões que eles deram.

*Porque meu marido foi preso. [Ela não teve a capacidade financeira ou o patrocínio político que teria ajudado a conquistar a liberdade de seu marido.]*

*Por causa da minha doença.*

*Porque eu não tive um segundo filho, não havia paz na minha vida.*

*Não se curou da tuberculose. Sem paz na família.*

*Sem paz na família. Problemas financeiros.*

*Por causa da doença do meu pai.*

*Por causa de o meu marido beber álcool.*

*Porque perdemos tudo, até o emprego. Sem paz na família. Problemas financeiros.*

Quando, apesar de *pujas*, rituais e súplicas, suas divindades tradicionais não responderam, eles ficaram desiludidos e se afastaram de seus deuses. Um quarto deles queria paz em sua vida familiar em meio aos desafios da pobreza. Eles foram incapazes de encontrar essa paz em sua fé tradicional. Todos eles viam Deus (e Jesus Cristo) como todo-poderoso, aquele que os ajuda porque é curador, provedor, doador de vida, sustentador, pacificador e libertador (35%), e é real (20%). Isso está em contraste com suas divindades tradicionais, que eram incapazes ou não queriam ajudá-los.

Cerca de 20% dos moradores de favelas disseram que Cristo para eles era o Salvador, aquele que perdoa seus pecados. Essa foi sua motivação para seguir a Cristo.

*[O missionário COME] compartilhou de Tiago 1.13-14 – [que] de nossos desejos cometemos pecados [e estes foram] colocados em Deus. Esses versículos me tocaram e pensei que somente Jesus pode lavar meus pecados, perdoar e dar a vida eterna. Então, depois de ouvi-lo, Deus falou comigo e eu chorei amargamente e o aceitei como meu salvador pessoal Jesus Cristo.*

Os pobres que tinham poucos recursos para suprir suas necessidades diárias foram atraídos por canções espirituais cristãs, histórias bíblicas sobre Jesus e mensagens da Palavra de Deus através das quais encontraram conforto, força e esperança que os ajudaram a lidar com seus desafios. Uma pessoa disse: “A Palavra de Deus...

me atrai para estar mais perto de Cristo, assim como canções espirituais”. Isso os ajudou a entender que Deus é real e que ele os ouve e cuida deles. Isso os ajudou a expressar sua fé e confiança em Cristo e a se submeter ao seu senhorio. Isso é semelhante à experiência dos escravos afro-americanos. A Bíblia e os cânticos foram fundamentais para sua espiritualidade. Embora a maioria deles fosse analfabeta, a Bíblia foi a fonte de imagens para processar sua experiência e depois expressá-la em seus cânticos espirituais. Albert Raboteau explica que, ao ler a Bíblia, havia uma sensação de “tempo sagrado”, quando eventos passados na Bíblia eram vistos como sendo do tempo presente.

Para os moradores da favela, havia uma sensação de impotência resultante de sua pobreza – sentiam-se presos em suas circunstâncias e não viam nenhuma saída. Na teologização do escravo afro-americano, a consciência de estar preso na pobreza e opressão foi mitigada por um clamor a Deus por libertação. É evidente que muitos dos escravos não acreditavam que a sociedade e suas circunstâncias pudessem ser mudadas, então buscavam o consolo de Deus em suas circunstâncias e aguardavam com esperança serem libertos deste mundo. Para os pobres das favelas de Bangalore, as canções de adoração expressam não apenas seu clamor a Deus por ajuda, mas também seu reconhecimento de quem Deus é. As histórias da Bíblia, principalmente aquelas sobre Jesus, os encorajam porque nelas veem que Deus se importa e provê.

Considerando a corrupção e os estilos de vida opulentos dos políticos e de muitos líderes religiosos que eles testemunhavam regularmente, 20% dos moradores de favelas foram atraídos pelo sacrifício de Cristo e pelo estilo de vida de Jesus (10%). Eles encontraram em Cristo algo diferente do que viram no mundo ao seu redor e foram atraídos por isso.

Há uma forte ligação entre pobreza e espiritualidade. A pesquisa global de 2009 da Gallup sobre pobreza e espiritualidade concluiu que

a religião tem um papel funcional na vida das pessoas nos países mais pobres uma vez que as ajuda a lidar com as lutas diárias de prover para si e suas famílias. Tomas Rees, em seu estudo multinacional, descobriu que a insegurança pessoal evidenciada pela desigualdade de renda era um importante determinante da religiosidade. Scott Schieman, em seu estudo norte-americano sobre status socioeconômico e crenças sobre Deus na vida cotidiana, descobriu que indivíduos de comunidades mais pobres professavam níveis mais altos de envolvimento e controle divinos em suas vidas cotidianas em comparação com indivíduos de status socioeconômico mais alto. Os pobres sendo ostracizados e marginalizados por causa de sua pobreza buscavam um poder superior que os ajudasse e os capacitasse a enfrentar.

Essa conexão entre pobreza e espiritualidade foi repetidamente confirmada ao longo das histórias aqui registradas, pois a maioria dos pobres era religiosa, mas estava insatisfeita com sua fé tradicional. O que eles buscavam era a realidade de Deus em meio à sua pobreza. Richard Shaull, a partir de um estudo sobre Teologia da Libertação na América Latina e de seu trabalho com as comunidades de base, observou (na década de 1960) o seguinte sobre as igrejas pentecostais em comunidades pobres em todo o continente. Ele escreve:

*Para homens e mulheres cuja abordagem da vida e do mundo é essencialmente religiosa, o pentecostalismo se dirige a eles em sua linguagem e lhes oferece o que eles mais anseiam: uma experiência rica e gratificante da proximidade e do poder de Deus que lhes dá vida, alegria e esperança. Uma experiência que permeia todo o seu ser e transforma o que se tornou o fardo supremo de sua vida cotidiana: sua luta pela sobrevivência.<sup>17</sup>*

<sup>17</sup> Richard Shaull, “The Pentecostal Appeal to the Poor”, *Church and Society* 86, no. 4 (1996): 51–52.

Muitas igrejas pentecostais no mundo majoritário parecem ter entendido as motivações de alguns dos pobres quanto ao porquê de eles buscarem a Deus.<sup>18</sup> O missiologista pentecostal coreano Wonsuk Ma escreve: “O pentecostalismo é uma religião *dos* pobres e não *para* os pobres”.<sup>19</sup> Isso é provavelmente mais bem ilustrado pelo sociólogo Christian Lalive, que descreve as igrejas pentecostais chilenas na década de 1960. Eles entenderam o que os pobres procuravam espiritualmente e responderam de acordo.<sup>20</sup>

*A grande pintura que adorna os santuários pentecostais retrata um mar agitado em torno*

<sup>18</sup> A literatura sobre os pentecostais e seu trabalho entre os pobres na América Latina aqui referida é datada. É importante notar que as igrejas pentecostais na América Latina cresceram além de seu trabalho inicial entre os pobres. Hoje, trata-se uma igreja de classe média, embora ainda tenha um forte impacto nas comunidades pobres. No entanto, sua experiência entre os pobres (embora datada) é uma perspectiva histórica crítica sobre as motivações dos pobres e o que atrai muitos deles a Cristo.

<sup>19</sup> Wonsuk Ma, “‘When the Poor are Fired Up’: The role of pneumatology in Pentecost-charismatic Mission”, *Transformation* 24 (1 January 2007): 29.

<sup>20</sup> Por causa da influência da Teologia da Libertação, sempre se assumiu que os pobres querem a libertação. A experiência da Teologia da Libertação e dos pentecostais, lado a lado no Brasil, fornece algumas intuições interessantes. A avaliação crítica e às vezes negativa de John Burdick da Teologia da Libertação escreve: “Não duvidei de que muitas pessoas estavam tendo sua consciência elevada pela igreja. No entanto, fiquei intrigado com as implicações dos relatórios de campo brasileiros enviados pelos párocos à Comissão da Igreja nas CEBs [Comunidades Eclesiais de Base – comunidades de base], o que deixou claro que, em qualquer cidade, aqueles que participaram ativamente da Igreja Católica constituíam apenas uma minoria muito pequena” (John Burdick, *Looking for God in Brazil: The Progressive Catholic Church in Urban Brazil’s Religious Arena* (Berkeley, CA: University of California Press, 1996), Kindle Location 12.) Burdick continua afirmando que, em qualquer cidade em um país predominantemente católico, havia mais pentecostais na cidade do que católicos envolvidos nas CEBs. Ele se perguntava por que “a CEB não havia tirado todas essas outras pessoas do chão?” (Ibid, Kindle Location 21). Burdick chamou isso de paradoxo dos números. Para um movimento de massa que deveria transformar a sociedade e a política brasileira, estudos em várias arquidioceses mostraram que não mais do que 3–4% dos adultos estavam envolvidos em CEBs, enquanto os pentecostais representavam 8–10% da população local. (Ibid, Kindle Location 111). Enquanto a Teologia da Libertação vivenciada por meio das CEBs era atraente para alguns, a experiência pentecostal aparentemente abordou outras questões que muitos dos pobres responderam.

*de uma ilha na qual uma Bíblia está aberta, iluminada por um raio de luz do céu... O simbolismo é óbvio. Em um mundo profundamente perverso de miséria e perdição, as comunidades cristãs permanecem como ilhas de paz e repouso. A tarefa dos eleitos é dar refúgio aos afogados, sem pensar em como o mar revolto podia ser acalmado.*<sup>21</sup>

Isso é similar no pentecostalismo africano. Uma das características da teologia pentecostal africana é a *experiência* do Espírito Santo em todos os aspectos da vida diária. Allan Anderson, da Universidade de Birmingham, em sua revisão da teologia pentecostal africana, escreve:

*A salvação de Deus é vista em diferentes manifestações da presença permanente de Deus através do Espírito na vida cotidiana; ela é percebida pelos crentes pentecostais como revelações divinas que lhes asseguram que 'Deus está lá' para ajudar em todas as áreas da necessidade humana.*<sup>22</sup>

A maioria dos pobres do estudo em questão respondeu às boas-novas de que o Deus revelado em Cristo é amoroso, compassivo, todo-poderoso e real. Ele não está distante e responde aos seus gritos de socorro. Ele protege e provê. Essas foram suas motivações para se tornarem seguidores de Cristo. Para a maioria, sua compreensão do pecado veio mais tarde, quando eles ganharam consciência da justiça de Deus. Com efeito, eles estavam encontrando o Reino de Deus e Cristo Rei, assim como Jesus havia anunciado em Mt 24.14 e Mc 1.15 – que o Reino de Deus estava próximo. Essa compreensão mais ampla do evangelho está lentamente ganhando força entre os missionários evangélicos. O Manifesto de Manila de 1988 (do Movimento de Lausanne) refere-se à proclamação do Reino de Deus (e não apenas ao perdão dos pecados) como parte do evangelho. O Compromisso da Cidade do Cabo (também do Movimento de Lausanne) fornece uma compreensão mais abrangente do evangelho quando diz que é Deus reconciliando o mundo (toda a criação) consigo mesmo por meio de Jesus Cristo.

Uma pergunta crítica que deve ser feita é: os refugiados e moradores de favelas tornaram-se seguidores de Cristo apenas por razões utilitárias – por causa dos benefícios que receberam, como orações respondidas e milagres? Eles continuariam a seguir a Cristo se ele não respondesse à oração ou eles não experimentassem milagres? Essa questão não foi explorada

<sup>21</sup> Christian Lalive, “The Pentecostal ‘Conquista’ In Chile”, *The Ecumenical Review*, (January 1968), 24. É importante notar que os pentecostais não estavam pregando um evangelho escapista de outro mundo. Os pentecostais têm lutado para encontrar uma teologia do engajamento social sem comprometer sua tradição. Para uma discussão detalhada veja Ivan Satyavrata, *Pentecostals and the Poor: Reflections from the Indian Context* (Baguio City: Asia Pacific Theological Seminary Press, 2017). No entanto, os registros mostram que os pentecostais na América Latina acabaram tendo um impacto social. A socióloga brasileira Cecília Mariz escreve que tanto a Teologia Pentecostal quanto a da Libertação promovem práticas semelhantes (como a reflexão bíblica que conduz à práxis, desenvolvendo redes de solidariedade), atitudes e valores (o valor humano do indivíduo, superando o dualismo fé e vida) que habilitam os pobres em seu meio a superar os problemas da pobreza. Cecília L. Mariz, *Coping With Poverty: Pentecostals and Christian Base Communities in Brazil* (Philadelphia: Temple University Press, 1994), 34-36, 81-100, 131-148... Michael Bergunder, da Universidade de Heidelberg, em sua análise do Movimento Pentecostal na América Latina, refere-se à transformação social que ocorreu quando indivíduos se envolveram com igrejas pentecostais. Não se tratava apenas de uma religião de escapismo dos problemas da sociedade, mas o status da mulher na vida doméstica mudou, houve mudança de comportamento e consequentes benefícios econômicos para a família quando renunciaram ao álcool, drogas e tabaco, e houve envolvimento nas comunidades quando tiveram a oportunidade. Embora possam ter sido menos engajados politicamente do que outras comunidades, isso começou a mudar à medida que seu número crescia e eles se conscientizavam de sua importância na sociedade. Michael Bergunder, “The Pentecostal Movement and Basic Ecclesial Communities in Latin America: Sociological Theories and Theological Debates”, *International Review of Mission* 91, no. 361 (2002): 163–186. Frans H. Kamsteeg em seu estudo sobre o pentecostalismo no Chile refere-se a ele como tendo um sotaque da Teologia da Libertação. Frans H. Kamsteeg, “Prophetic Pentecostalism in Chile”, *Studies in Evangelicalism* 15 (1998): 23–24.

<sup>22</sup> Allan Anderson, “Intercultural Theology, Walter J. Hollenweger and African Pentecostalism”, *Intercultural Theology: Approaches and Themes*, ed. Mark J. Cartledge and David Cheetham (London: SCM Press Ltd., 2011), 141.



com os pobres no estudo. No entanto, em uma pesquisa anterior feita pelo autor em uma favela em Bangalore entre participantes semelhantes, essa pergunta foi feita. As respostas foram:

*Tudo o que Deus faz na minha vida está okay. A alegria de Deus é maior que os problemas. As orações que Deus respondeu me permitem confiar nele e descansar em paz.*

*Estamos passando por uma crise financeira e a paz de Deus está me ajudando.*

*Eu vou acreditar independentemente do que acontecer. Estamos casados há oito anos e não temos filhos. Mesmo que não tenhamos filhos, temos alegria e paz. Quando eu adorava [a deusa] Yellama, houve vários acidentes que quase me mataram. Agora não há nenhum.*

*Mesmo quando há problemas, Deus me dá paz quando oro.*

*Abortei há três meses e meio. No meio das dificuldades, tenho paz.*

*Mesmo no sofrimento, não deixaremos Jesus. Temos duas filhas e queríamos um filho. Quando a terceira filha nasceu, ainda assim não o deixei. Eu sei que Deus me ouve.*

Para resumir, o perdão dos pecados motivou alguns a se tornarem seguidores de Cristo. No entanto, para a maioria, seus contextos de pobreza influenciaram sua decisão. Para os refugiados sírios que experimentaram a violência e foram deslocados, eles ficaram desiludidos com a brutalidade, ódio e maldade do conflito, que eles viram como um conflito intrarreligioso islâmico. Em nítido contraste, eles foram atraídos pelos ensinamentos sobre amor e perdão que estavam ouvindo na igreja, e pelo amor e caridade que estavam experimentando dos cristãos nas igrejas. Eles foram atraídos pelo amor de Cristo e a paz que ele deu. Para os moradores de favelas na Índia, a motivação esmagadora para mudar

sua fidelidade para Cristo é o fato de que ele é todo-poderoso e é seu curador, provedor, doador de vida, sustentador, pacificador e libertador, e é real. Além disso, os moradores de favelas hindus foram atraídos pelas canções e histórias bíblicas, pois isso os ajudava a articular sua fé e seus sentimentos e lhes dava força e esperança em suas circunstâncias. Os pobres em ambos os contextos também foram atraídos pelo sacrifício de Cristo e seu estilo de vida sacrificial.

### Então, há algo novo e surpreendente?

Os praticantes de desenvolvimento comunitário falharam em entender que a injustiça social está tão profundamente arraigada nos sistemas socioeconômicos e políticos da sociedade que os pobres são incapazes de se livrar dela por seus próprios esforços. Quando esses praticantes capacitam os pobres a defender seus direitos, na maioria das vezes eles os levam ao fracasso, especialmente em sociedades que têm apenas um verniz de democracia.<sup>23</sup> A Bíblia em nenhum lugar exorta os pobres a buscar justiça social ou a se rebelar contra a opressão, provavelmente por entender que os poderosos se oporão a qualquer um que desafie seu poder, autoridade e controle. Em vez disso, a exortação para garantir a justiça social é dirigida aos ricos, à elite, aos que estão no poder. No Antigo Testamento, a exortação era para a nação de Israel como um todo. Em última análise, é o próprio Deus que defende e reivindica os pobres e marginalizados e traz julgamento sobre os opressores. Ele usa agentes humanos para essa tarefa.

<sup>23</sup> Movimentos por justiça socioeconômica e política entre os pobres, oprimidos ou marginalizados que alcançaram algum grau de sucesso *pacificamente* o tiveram porque havia indivíduos entre a elite e os poderosos que os apoiaram ativamente e pressionaram por mudanças políticas. Por exemplo, na luta contra o apartheid, líderes da igreja branca e certos líderes políticos se opuseram abertamente ao apartheid. Havia pelo menos 139 ativistas antiapartheid sul-africanos brancos. A situação era semelhante no movimento dos Direitos Civis nos EUA na década de 1960. “Os sulistas brancos que lutaram contra a segregação nos EUA”, BBC News (12 de março de 2019). Um aliado político chave foi o procurador-geral dos EUA Robert Kennedy.

**A primeira coisa** que aprendemos é que se tivéssemos tido tempo para ouvir os pobres, teríamos visto o mundo através de seus olhos. Os pobres sabem que estão presos no pântano da pobreza. Eles não veem saída e ninguém está disposto a ajudá-los, independentemente do que os políticos prometem. Essas são as razões pelas quais muitos deles estão procurando por um Deus que é real, está com eles e é um libertador. Procurando por ajuda divina, eles se desesperam porque suas divindades tradicionais falharam com eles. Eles encontram a ajuda de que precisam no Deus revelado em Jesus Cristo.

**A segunda coisa nova** que aprendemos é que os pobres estudados no livro entenderam as boas-novas de Jesus Cristo dentro de seu contexto social, econômico e político. O contexto identificou suas prioridades espirituais. A realidade da pobreza, marginalização, guerra e violência os “empurrou” para longe de suas divindades tradicionais que pareciam silenciosas e impotentes. O que os atraiu a Cristo foi que Cristo é Emanuel, um Deus que está com eles, que os sustenta, os livra e os conforta. A contextualização em missões tradicionais tem focado na língua, cultura e religião. Os contextos dos pobres criam sua própria cultura única, da qual surgem suas questões existenciais.

**A terceira coisa** que aprendemos neste estudo não é algo novo, mas uma reafirmação do que muitos ao longo da história cristã disseram – que a conversão, especialmente daqueles de origens não-cristãs, é um processo. Os pobres podem encontrar a realidade de Deus sem entender completamente o pecado, quem é Cristo e o que ele fez. O momento crucial de sua conversão foi quando eles abandonaram sua fidelidade à sua divindade tradicional para adorar a Cristo, porque encontraram um Deus que se preocupava com eles. À medida que experimentavam a regeneração, o Espírito Santo ao longo do tempo revelou Cristo mais plenamente a eles e os tornou conscientes de sua pecaminosidade.

**A última coisa** que aprendemos com este estudo é que a conversão da maioria dos refugiados e moradores de favelas foi o resultado de um encontro com a pessoa de Cristo. Gordon Smith escreve:

*As pessoas são convertidas não porque chegaram a um acordo com ‘leis espirituais’ ou perguntas que podem ser feitas ‘quando chegarem ao céu’, ou mesmo ‘evidências que exigem um veredicto’ – mas porque experimentam a graça transformadora de Deus através de um encontro com Cristo ressuscitado e ascendido.<sup>24</sup>*

No final, o livro em questão não é sobre os pobres, mas sobre o Deus que os pobres buscam. Olhando para quem Deus é através dos olhos dos pobres, vi coisas que não pareciam importantes para mim da minha posição de privilégio e conforto. Percebi a pobreza da minha própria espiritualidade.

O Deus que os pobres buscam não é *Christus Victor*, o herói conquistador que por meio de sua morte e ressurreição nos salva de nosso pecado, vencendo os poderes das trevas – o diabo, o pecado, a lei e a morte.<sup>25</sup> Eles não podem se relacionar com o sentimento de triunfalismo em meio à miséria de suas vidas diárias. Em vez disso, eles se viram atraídos pelo Deus que foi crucificado e conhece seu sofrimento.

Muito de nossa teologia ocidental é baseada em Deus sendo absolutamente transcendente, muito além de qualquer coisa que nossas mentes possam conceber, muito menos compreender. Porque ele está além do tempo e do espaço,

<sup>24</sup> Citado em Smith, “Conversion and Redemption”, 219–20.

<sup>25</sup> O teólogo luterano sueco Gustaf Aulen, em seu livro *Christus Victor*, apresenta as três teorias da expiação no cristianismo. Ele argumenta que os teólogos concluíram incorretamente que os pais da igreja primitiva acreditavam na teoria do resgate da expiação. Em vez disso, Aulén argumenta que os pais da igreja acreditavam que a crucificação não era um pagamento de resgate ao diabo, mas representava a libertação da humanidade da escravidão do pecado, da morte e do diabo. Foi um resgate ou libertação da raça humana da escravidão, doença e pecado. Aulén and Hebert, *Christus Victor*.

e é a origem de tudo o que existe, ele é imutável. Essa visão reflete a influência do conceito de Platão da separação do mundo material do reino espiritual sobre os pais da igreja primitiva e o desenvolvimento da teologia ocidental.<sup>26</sup> Esse abismo entre os reinos material e físico manteve Deus distante.

A questão é: como um Deus transcendente, imutável, santo e moralmente justo se relaciona com um mundo imperfeito e em constante mudança?<sup>27</sup> Irineu de Antioquia nunca questionou os atributos divinos de Deus. Sendo um pastor e não um acadêmico ou filósofo, ele focou nos atributos antropomórficos de Deus, afirmando que Jesus, o Filho, e o Espírito Santo são as “mãos de Deus”. Justo Gonzales escreve que o propósito de Irineu ao usar tais imagens era mostrar que Deus não está distante, mas se relaciona diretamente com o mundo.

*Enquanto Justino [Mártir], Clemente [de Alexandria], Orígenes e toda a tradição que brota deles tendem a separar Deus do mundo usando a segunda pessoa da Trindade – o Verbo, Logos ou Filho, como o elo entre os dois –, Irineu fala de um Deus cujas mãos entram no mundo na obra da criação e na condução da história.*<sup>28</sup>

A presença de Deus não apenas permeia sua criação, mas ele está profundamente envolvido

<sup>26</sup> Esses pais da igreja incluem Clemente de Alexandria e Orígenes.

<sup>27</sup> Justo Gonzales escreve sobre os três centros de aprendizado centrados em Alexandria, Cartago e Antioquia, que incorporavam três escolas distintas de teologia. Cada um lutou com diferentes imagens de Deus com base nos desafios religiosos que enfrentaram em seu contexto. Orígenes em Alexandria e Justino Mártir concebiam Deus como transcendente e imutável, e a única maneira de se relacionar com o mundo imperfeito era por meio de um intermediário – o Logos ou Palavra. Essa visão levantou sérias questões sobre se esse intermediário é mutável ou imutável para se relacionar tanto com o mundo quanto com Deus. Gonzales, *Christian Thought Revisited*, 24–26.

<sup>28</sup> Gonzales, *Christian Thought Revisited*, 28.

com o que acontece com os seres humanos que ele criou e com a história do mundo que molda suas vidas.

Ernesto Cardenal descobriu que os *campesinos* pobres da Nicarágua eram capazes de compreender tal Deus porque, como agricultores, o viam trabalhar na natureza ao seu redor. Eles não necessariamente encontraram um lugar para Deus em suas vidas, mas perceberam que são parte da narrativa maior de Deus. Assim como Deus cuidou de sua criação, ele cuidaria deles. Para os refugiados e favelados, Deus não era silencioso e distante; vieram a conhecê-lo como *Emanuel*, Deus conosco.

Então, quem é o Deus que os pobres buscam? Jürgen Moltmann escreve:

*Em termos concretos, Deus se revela na cruz de Cristo... O princípio epistemológico da teologia da cruz só pode ser este princípio dialético: a divindade de Deus se revela no paradoxo da cruz. Isso torna mais fácil entender o que Jesus fez... Ele revelou sua identidade entre aqueles que perderam sua identidade, entre os leprosos, doentes, rejeitados e desprezados, e foi reconhecido como o Filho do Homem entre aqueles que foram privados de sua humanidade.*<sup>29</sup>

O Deus que os pobres buscam não está distante física e emocionalmente, mas é o Deus crucificado que compreende seu sofrimento porque o experimentou. Eles o reconhecem em Jesus Cristo, o homem de dor, que embora seja todo-poderoso, grande e poderoso, é amoroso o suficiente para responder às suas orações desesperadas.

<sup>29</sup> Moltmann, *Crucified God*, 27.